

**REVISTA O BUSCADOR**  
**REVISTA DE CIÊNCIA MAÇÔNICA**  
**LOJA MAÇÔNICA DE ESTUDOS E PESQUISAS RENASCENÇA Nº 1**  
**(IN)TOLERÂNCIA: OS LIMITES DA (IR)RACIONALIDADE**

Carlos Antonio Porto de Sousa \*

**SUMÁRIO**

O presente artigo tem por objetivo apresentar casos de intolerância no decorrer da história humana e provocar o debate sobre o tema e as discussões sobre a irracionalidade em uma época de avanços sociais e tecnológicos. Estudo do conceito de Tolerância, apresentação de casos. Conclui com uma reflexão sobre a importância da maçonaria no combate à intolerância e incentivo à prática da razão.

Palavras Chave: Intolerância. Irracionalidade

**ABSTRACT**

This article aims to present cases of intolerance in the course of human history and lead the debate on the topic and discussions on the irrational in a time of social and technological advances. Study of the concept of tolerance, presentation of cases. Concludes with a reflection on the importance of Freemasonry in combating intolerance and encouraging the practice of reason.

Key Words: Intolerance. Irrationality.

**INTRODUÇÃO**

*“Que é a tolerância? É o apanágio da humanidade. Estamos todos empedernidos de debilidades e erros; perdoemo-nos reciprocamente nossas tolices, é a primeira lei da natureza.” (Voltaire. Tolerância; Dicionário Filosófico)*

Por que estudar a (in)tolerância? A (in)tolerância é prática e não estudo. Este seria o questionamento e a resposta de muitos. Ouso, portanto, adentrar em um universo que não é a minha área de formação. E seguindo a orientação do meu primeiro trabalho, não apresento respostas ao tema. Faço sim, uma viagem pelo significado do tema, suas origens e história. Lembro casos que marcaram suas épocas e que ainda estão presentes em nossos debates e lembranças. Indivíduos e suas idéias que foram punidos por seus pares por defenderem um mundo melhor, se não Justo e Perfeito. Indivíduos que marcaram e continuaram marcando os caminhos da humanidade em busca de paz. Coexistir. É o que todos nós queremos. Entretanto, são tantas as dificuldades que colocamos em seu caminho que a concretização deste objetivo se torna impraticável. Não impossível.

Dentro de nós estão as contradições e empecilhos para a construção de uma sociedade de Igualdade, Liberdade e Fraternidade. São nossos egoísmos, arrogâncias, orgulhos, ganâncias. Nossas animalidades que afloram na hora de coexistirmos.

Pesquisar e reler alguns clássicos, estudar biografias, casos de intolerância, lembrar de debates. Foi uma tarefa difícil, mas prazerosa e o resultado é o que vos apresento.

□   □   □

O *Aulete: Dicionário Digital* define a tolerância como sendo “Ação ou resultado de tolerar; condescendência; indulgência. Disposição para perdoar culpas ou erros.” Também define a intolerância como sendo a falta de tolerância; a intransigência como sendo a intolerância com os erros dos outros. Definidas também como a atitude agressiva ou repressora para com as diferenças dos outros relativas a etnia, crença, opinião, modo de vida etc. Mas, afinal, o que é ser tolerante? Quais os seus limites? Quais seus aspectos positivos e negativos? Sermos tolerantes nos torna omissos aos nossos compromissos políticos, religiosos, sociais, familiares, etc.? Como podemos, em um mundo globalizado e cheio de contradições, reconhecermos os limites da tolerância e da intolerância?

A tolerância, do latim *tolerare* (sustentar, suportar), é um termo que define o grau de aceitação diante de um elemento contrário a uma regra moral, cultural, civil ou física. Do ponto de vista da sociedade, a tolerância define a capacidade de uma pessoa ou grupo social de aceitar, noutra pessoa ou grupo social, uma atitude diferente das que são a norma no seu próprio grupo. Numa concepção moderna é também a atitude pessoal e comunitária face aos valores diferentes daqueles adotados pelo grupo de que pertença originalmente.

O conceito de tolerância se aplica em diversos domínios: 1. Tolerância social: atitude de uma pessoa ou de um grupo social diante daquilo que é diferente de seus valores morais ou de suas normas; 2. Tolerância civil: discrepância entre a legislação e sua aplicação e impunidade; 3. Tolerância religiosa: atitude respeitosa e de coexistência pacífica diante das confissões de fé

\* O autor é Membro Efetivo da Loja Maçônica de Estudos e Pesquisas Renascença nº 1 e filiado da Loja Simbólica Regeneração Campinense nº 2. É licenciado em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

diferentes da sua. Qual referencia devemos nos basear para estabelecermos critérios de tolerância? O Que é o intolerável? Devemos ser prudentes quando nosso objetivo é evitar um conflito? E ser indiferente é a maneira correta de agirmos quando não sabemos qual a posição legítima e verdadeira a ser tomada? Respeitar as opiniões e as diferenças é ser tolerante? Assumir uma postura diante da vida e diante das incertezas que ela nos apresenta tem sido o grande problema da humanidade. Desta forma, desde a antiguidade que se especula sobre a natureza humana e seus direitos, afirmando-se que todo ser humano tem direitos fundamentais, imutáveis e inalienáveis: liberdade, dignidade, igualdade, coletividade, políticos, culturais, religiosos, etc.. Quais, então, os limites da tolerância? Até que ponto podemos aguentar as diferenças dos outros? Como a civilização poderá sobreviver sendo tolerante?

O conceito de tolerância é o ponto chave da civilização moderna e é também um drama conceitual, pois a palavra traz em si as contradições de difícil delimitação e que tanta polêmica cria para seus estudiosos. Veja o caso da tolerância iluminista, segundo Maldonato ela é "... a ambivalência entre a afirmação convicta, apaixonada e iluminada dos direitos e das liberdades humanas de um lado; e a fraqueza, a ambiguidade e o simples bom senso do outro..." Para ele, a tolerância é circunstancial. Em algum momento ela é necessária para que a paz reine entre os homens, em outros ela seria o próprio entrave à paz. Então o que fazer? É neste contexto onde a intolerância cresce e cria raízes profundas, culminando nos extremismos, que seus praticantes não sabem explicar como tiveram início e os poderosos se apropriam para conquistar mais poder. Então, a tolerância pode ser uma perspectiva de liberdade e justiça? Sim, desde que ela consiga superar as contradições conceituais de sua existência e que, na prática, não seja usada como arma para cooptação da sociedade para formas escusas de submissão. Maldonato ainda afirma que "a história moderna foi uma tentação permanente de racionalismo ideológico e de experiências governadas mediante o rigor da dedução, da administração, da violência." Não podemos nos esquecer das atrocidades que vem sendo cometidas em "Nome de Deus", da "Paz" e democracia?.

O homem é um ser social imperfeito em sua individualidade e, portanto, limitado em muitos aspectos. Esta sua limitação é transferida para a sua comunidade e nela deposita todos os seus defeitos. Entretanto, na coletividade a individualidade deve ser superada pelo "bem estar de todos", e é neste ponto que os embates da intolerância e dos conflitos de interesses se avolumam e onde ser tolerante se faz necessário. Mas, como podemos estabelecer os limites da tolerância e da intolerância para a coexistência pacífica do grupo? Muitas vezes não erramos de má fé, mas por ignorância ou desconhecimento dos fatos. Erramos por causa de ideias preconceituosas ou manipulação das informações que são veiculadas para as massas. Desta forma, barreiras são erguidas para a compreensão da realidade e a convivência torna-se

impossível e facilmente controlada pelos interesses escusos de Estados ou grupos políticos, religiosos ou econômicos e, assim, surgem os extremismos e as guerras onde os inocentes são as verdadeiras vítimas.

Ser intolerante às vezes é necessário, pois ajuda a resgatar alguns aspectos de humanidade, tais como participação, unicidade, autonomia, protagonismo, liberdade, responsabilidade, consciência, silêncio, superação e religião. Ressaltamos que ser intolerante, assim como tolerante, é de difícil delimitação, pois as contradições estão presentes em sua própria existência; estão dentro do Homem. A intransigência é uma característica de coletividade. Um grupo social coeso e maduro em seu pensamento exige e determina princípios morais e éticos, claros e legítimos. Ou seja, para a sua manutenção e estabilidade é necessário se estabelecer limites e organização disciplinar que só seria possível sendo intolerante a tudo aquilo que possa ferir ou ultrapassar a sua condição de civilidade. Para tanto, a harmonia e a coesão de pensamento passa a ser a base desta coletividade. Sendo isto improvável de acontecer em um grupo onde as diferenças sejam presentes e atuantes.

Ser tolerante é ter uma atitude de respeito à posição e às escolhas dos outros. Ter respeito é ter consideração, como temos aos pais, aos mais velhos, às coisas sagradas, ao sentimento dos outros, à nossa Pátria, a Deus. Para muitos pensadores, a tolerância é uma virtude fundamental ao homem, assim como todas as outras, existindo formas falsas e verdadeiras. Ela é verdadeira quando humilde, mas sem perder as suas convicções, como no exemplo clássico de Voltaire, "Não concordo com nada do que você diz, mas defenderei o seu direito de dizê-lo até o fim", pois nela existe o respeito à opinião e convicções dos outros. Respeito é a chave para a tolerância. Respeito é consciência das suas atitudes. Respeito é procurar uma convivência pacífica com o próximo.

□ □ □

A história está repleta de fatos conhecidos onde a intolerância marcou profundamente as relações entre os homens. Costumes de um povo foram usados como padrão para julgar as ações de outro de cultura diferente daquela considerada "padrão". Massacres foram cometidos "em nome de Deus". Quantos casos estão gravados em nossa memória? Prometeu, condenado por ter ensinado o homem a utilizar o fogo; Aquenatom, por defender a ideia do monoteísmo como forma de uniformização da cultura de seu povo; Sócrates, que é condenado à morte por ensinar aos jovens a questionar as 'verdades do Estado'; Jesus, por defender o amor entre os homens; cristãos, por quererem um mundo igualitário; quantos casos podemos citar que ocorreram durante toda a Idade Média? Quais as verdadeiras razões das Cruzadas? Porque os Templários foram perseguidos e massacrados? Dolcinitas, anabatistas, menonitas, judeus, muçulmanos, cristãos, pentecostais. Quantos grupos religiosos foram massacrados por defenderem a ideia de uma sociedade

igualitária e que ia de encontro aos interesses dos poderosos? Da própria Igreja?

Giordano Bruno foi condenado por defender a ideia de um Deus Universal e não apenas Terreno. Uma Terra como um grão de areia cósmica e não o centro do universo. Por estas e outras ideias foi queimado na fogueira da intolerância. Spinoza é condenado ao ostracismo por defender a ideias, tais como, de um Deus presente em todo o Universo, expressadas em seu monismo e criticismo bíblico; Deus seria o próprio Universo e que nós seríamos apenas parte desse Todo e não iguais a ele. Judeus, em nome de Deus (ou da Igreja?) são expulsos da Espanha e de Portugal, convertidos à força ao catolicismo romano e enviados para as colônias portuguesas (Brasil principalmente), pelo fato de serem judeus ou por incomodarem os poderosos por seu ato de fé e perseverança apesar de todas as adversidades que enfrentavam naqueles tempos? Galileu é condenado a negar as suas teorias e pesquisas só pelo fato de que suas descobertas, cientificamente comprovadas, iam de encontro aos postulados e dogmas da Igreja Romana. Voltaire dedica seu tempo para escrever um tratado em defesa da família Calas, que por não serem católicos tinham seus direitos de cidadania negados pelo Estado francês. Aos católicos, tudo é possível. Também sobre este e outros fatos John Locke escreve, do seu exílio provocado pela intolerância, sua *Carta sobre a tolerância*. Erasmo de Rotterdam, criticando a sociedade europeia do final do século XV escreve o *Elogio da Loucura*, onde, através de alegorias da mitologia greco-romana satiriza o modo de vida dos europeus, os desmandos da Igreja Romana e da Nobreza, a ganância da burguesia; e tantos outros escritos onde o tema é quase sempre a (in)tolerância. Ginsburg, em *O queijo e os vermes*, relata o caso de um moleiro chamado Domenico Scandella (conhecido por Menocchio) perseguido pela Inquisição porque, em sua cosmogonia, ousou comparar a origem do Universo ao processo de produção do queijo e o surgimento dos vermes neste. Esta seria uma metáfora muito forte para aquela época, mas não seria a verdadeira razão para que o mesmo fosse perseguido e condenado à morte. A intolerância recai sobre um homem que, de forma simples, ousa dar uma explicação diferente para a origem do universo e que não é a dada pela Igreja. O caso Dreyfus, o caso la Barre, o caso Branca Dias - que empresta seu nome à A.:R.:L.:S.: “Branca Dias” nº 01 - , ela também foi vítima da intolerância contra os cristãos-novos e perseguida pela Inquisição portuguesa; a intolerância contra a mulher e seu papel na participação na construção da sociedade, sempre foi desprezado e levado a planos de inferioridade.

Desde a Antiguidade a mulher vem sendo considerada um ser a parte. Na Grécia, Platão e Aristóteles não a consideram um ser humano, mas, uma aberração da natureza. Na Idade Média, ela é prostituta, bruxa ou uma santa tendo como modelo a virtuosidade da Virgem Maria. Os doutores da Igreja diziam que ela era um ser acidental e falho ou seria a porta para o inferno, sendo necessário

colocá-la sob a tutela da Igreja e dos homens. Na Idade Moderna, a intolerância continua e é reforçada pela filosofia de então, afirmando que ela é um ser desprovido de inteligência, selvagem, caprichosa, indiscreta, moralmente fraca e que é uma ladra, pois rouba o trabalho de um homem. E tantas outras afirmações pejorativas que tentam justificar a inferioridade da mulher.

Nos nossos dias, mesmo com o advento da globalização e do indiscutível avanço dos meios de produção e das tecnologias, supunha-se que o homem aprendesse a compartilhar as suas conquistas de forma mais fraternal. Ledo engano. Os atritos entre povos, estados, culturas e religião só tem se agravado. Duas guerras mundiais foram travadas e provam que o homem dito civilizado ainda não consegue dialogar e resolver civilizadamente as suas diferenças. Em consequência, os inocentes são imolados em nome da causa dos poderosos. Ciganos, mestiços, maçons, judeus, etc. são colocados em “currais” e executados em nome dos interesses de um Estado de supremacia racial. Será? E onde a supremacia racial não era a questão, por que inocentes também foram executados? Holocausto de judeus, Hiroshima, Nagasaki, Guerra da Coreia, Vietnã, Afeganistão, Cuba, Moçambique, Angola, Irã, Iraque, Palestina, Israel, Líbano, Sudão, Colômbia... Onde mais? Hoje, é em nome da democracia, dos direitos humanos, da soberania do Estado Nacional e de outras causas que são cometidas as mais diferentes atrocidades contra a civilização humana.

A intolerância está presente na esfera das relações humanas fundadas em sentimentos e crenças religiosas desde o início da construção das sociedades urbanas. Para tanto, as classes dominantes se apropriam da religião e a usam como arma para alienar e cooptar as classes menos favorecidas colocando-as sob seu domínio absoluto. A história das grandes religiões monoteístas indica momentos de convivência respeitosa, mas também períodos de intolerância entre as diversas religiões ou suas vertentes teológicas. São aqueles que querem manter seu controle sobre as massas e sua posição no poder que criam a aversão às mudanças, originando as correntes fundamentalistas. Estas se caracterizam pela resistência aos processos de modernização das sociedades, em todas as épocas. Querem voltar às raízes e ressaltam as tradições de suas religiões como fundamentos para seus modelos de sociedades.

Na Idade Média, a intolerância religiosa se intensificou contra os judeus e os heréticos em geral. Os inquisidores caçavam dissidentes e os obrigavam a abjurar sua “heresia” (escolha). A Inquisição na Espanha oprimiu os judeus, forçou-os à conversão ao cristianismo e, finalmente, expulsou-os da península. Esta se tornaria uma prática comum em outras épocas e em outras nações.

Com a formação e consolidação dos Estados nacionais modernos, a intolerância vincula religião e política, identificando uma à outra. A consolidação do poder absoluto do rei dependia da aplicação do princípio de que a religião do povo deveria ser a religião do príncipe. As guerras de religião se espalharam e chacinas

ocorreram por toda parte como a matança de São Bartolomeu, que só terminaria com a assinatura do Edito de Nantes, concedendo liberdade de culto aos protestantes. Esta é, no entanto, uma paz passageira, pois a perseguição religiosa continua ocorrendo fora do controle do Estado.

Com a separação entre política e religioso, a intolerância tomou a forma de lutas ideológicas. Em *O Príncipe*, Maquiavel diz que os fins justificam os meios, ou seja, que a vontade do Estado é superior e pode utilizar todos meios necessários para sua manutenção. Thomas Hobbes diz em sua obra *Leviatã*, que nossa liberdade deve ser submetida à vontade do Estado absolutista, ou seja, que as liberdades dos indivíduos ficariam restrita apenas onde os interesses do soberano não alcançam. Estes autores expressam a opinião de que o poder não pode emanar de dois senhores, eles podem se aliar em objetivos comuns e não conflitantes.

Para Spinoza, violência e opressão não podem promover a fé. Para ele, um Estado e/ou uma religião que usam estes artifícios estão fadadas ao fracasso, pois em seu seio geram as sementes para sua destruição. Locke afirma que não cabe ao Estado ou grupos políticos o direito de definir a crença dos indivíduos. Se assim o fosse, caberia aos magistrados o poder de cuidado das almas. Mas a religião verdadeira e salvadora consiste na persuasão interior do espírito, sem o que nada tem qualquer valor para Deus, pois é a natureza do entendimento humano, que não pode ser obrigado por nenhuma força externa.

Para Locke a Igreja é definida como uma “sociedade de homens livres, reunidos entre si por iniciativa própria para o culto público de Deus”. E como a interpretação dos dogmas e da doutrina pelos homens difere no tempo e no espaço, é necessário que desenvolvam uma tolerância mútua. Desta forma, “nenhum indivíduo tem o direito de atacar ou prejudicar outrem porque este professa uma religião diferente” da sua. Locke defende a ideia da necessidade de restringir a tolerância. Para ele não podem ser toleradas quaisquer doutrinas incompatíveis com a sociedade humana e contrárias aos bons costumes que são necessários para a preservação da sociedade civil. Não podemos tolerar aqueles que atribuem para si o controle sobre a crença, a religião e a ortodoxia, e em assuntos civis se atribuem privilégios ou poder acima dos outros por se julgarem superiores a todos.

A tolerância tem limites os quais, ultrapassados, colocam em risco as relações humanas e a própria convivência na sociedade. Devemos ter em mente que a intolerância é uma atitude de ódio e de agressividade com relação a indivíduos e grupos específicos, à sua maneira de ser, a seu estilo de vida e às suas crenças e convicções. Trata-se de uma forma de pensar e agir que se atualiza em manifestações múltiplas, de caráter religioso, nacional, racial, étnico e outros. Apesar de todo o apelo à tolerância e de sua necessidade para a construção de uma sociedade baseada em princípios morais e éticos condizentes com a evolução tecnológica, a história, até o presente, nos mostra

uma crescente onda de intolerância e fundamentalismo que negam nossa condição de Civilização.

A irracionalidade nutre o barbarismo que envergonharão as gerações futuras, contudo, ela também oferece modelos de resistência e de tolerância. Na literatura também encontramos enorme contribuição para o entendimento e conhecimento dos limites e aplicabilidade da (in)tolerância. Tratados filosóficos, sociológicos, antropológicos, teológicos etc., mais que isto, a literatura tem a vantagem de trabalhar no campo ficcional as razões concretas de seus temas absolutos, criando situações e personagens em toda a sua plenitude e fragilidade que caracterizam o humano. Só para citar, “A Divina Comédia”, de Dante; “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco; “O Elogio da Loucura”, de Erasmo de Rotterdam; “Os Irmãos Karamázovi”, de Dostoiévski. “Germinal”, de Émile Zola; são exemplos clássicos de tantas outras obras que tratam sobre a (in)tolerância, onde o racional e o irracional se misturam em atitudes e contextos que ilustram as nossas contradições e dilemas. Na literatura encontramos contribuições para a compreensão dos contextos históricos e das análises sociológica, política e filosófica dos caminhos percorridos e dos desafios que ainda temos que superar para a construção de uma sociedade justa, perfeita e de bons costumes que as gerações futuras possam desfrutar dela em paz fraternal.

Entretanto, para que possamos construir uma sociedade ideal se faz necessário o combate sem trégua do fundamentalismo, pois o dogma do partido e do Estado é racionalizado, o ódio entre nações se mistura com a religiosidade. Não se trata mais do ódio subjetivo, ele agora é fundamentado racionalmente e instrumentalizado. Deste Estado surge o fanático e sectário, que manifestam sua intolerância como se esta fosse uma necessidade racional e nacional, em prol de objetivos humanitários, construídos através de discursos que justificam e enaltecem as atrocidades cometidas em nome da humanidade ou dos oprimidos (em nome de Deus). É desta forma que a intolerância ultrapassa os limites da irracionalidade. É a barbárie usada para justificar a reaproximação do Estado e da Religião. A apropriação do poder não mais por aqueles que detêm a posse e o controle dos meios produtivos, mas por aqueles que conseguem convencer e controlar as massas como força para alcançar seus objetivos, sem se importarem com o número de vítimas que serão imoladas no caminho.

É desta forma que a intolerância apresenta sua contradição: um fundamento irracional, que tem sua racionalidade. Pois em nome da “segurança” ou “estabilidade”, Estados ou grupos humanos interferem na vida de outros Estados ou grupos humanos, como se os erros de uns fossem responsabilidade de todos. Por esta razão, alguns Estados ou grupos organizados na chamada *sociedade civil*, vem criando leis e normas que coíbam ou limitem as manifestações de intolerância institucionalizada ou não. Entretanto, não devemos perder o controle do Estado ou destes grupos, pois os mesmos

podem usar as armas institucionalizadas contra a intolerância como meio para desenvolver e incentivar o fundamentalismo e o sectarismo.

Não podemos crer que a intolerância seja fruto da capacidade do Estado e das classes dirigentes para manipular o povo simples para a defesa de interesses econômicos e políticos particularistas, pois ela também se manifesta nas grandes questões que envolvem disputa políticas e territoriais, mas também em nossos costumes e na forma como encaramos o *diferente*.

“A construção de uma sociedade fundada em valores que fortaleçam a tolerância exige o estudo das formas de intolerância e das suas manifestações concretas, aliado à denúncia e ao combate a todos os tipos de intolerância. Por outro lado, a tolerância pressupõe a intransigência diante das formas de intolerância e fundamenta-se numa concepção que não restringe o problema da tolerância/intolerância ao âmbito do indivíduo; esta é também uma questão social, econômica, política e de classe” (Antonio Ozaí da Silva. Reflexões sobre a Intolerância). As democracias modernas só sobreviverão se forem baseadas nas ideias de tolerância e ela só se torna possível com o reconhecimento de que todos têm direitos e necessitam ocupar seu espaço. Assim, desconhecer o outro é abrir um caminho para a intolerância e o aparecimento de conflitos que põem em xeque a civilização humana. Numa coletividade a diversidade é a base de sua existência. A norma é saber lidar com estas diferenças harmonizando os indivíduos como um grupo que tem objetivos comuns. Alguns pensadores, ao comentarem o pensamento de Kant, dizem que a tolerância tem início com o elogio da diversidade, o respeito pelas diferenças, o ilimitável jogo de interesses e habilidades, dos projetos individuais e coletivos, o reconhecimento de que a existência humana não é passível de comparações pois somos todos passageiros de um mesmo barco e que se, quisermos sobreviver e chegar a um porto seguro, necessitamos buscar a coexistência pacífica.

A UNESCO em sua DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS SOBRE A TOLERÂNCIA, adotada pela Conferência Geral em 16 de novembro de 1995, percebendo o crescimento de formas de intolerância institucionalizada em todo o planeta estabelece que “decididos a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra... a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana... e com tais finalidades a praticar a tolerância e a conviver em paz como bons vizinhos.” Este alerta e consequente adoção desta declaração de princípios decorre da “intensificação da intolerância, da violência, do terrorismo, da xenofobia, do nacionalismo agressivo, do racismo, do anti-semitismo, da exclusão, da marginalização e da discriminação contra minorias nacionais, étnicas, religiosas e linguísticas, dos refugiados, dos trabalhadores migrantes, dos imigrantes e dos grupos vulneráveis da sociedade e também pelo aumento dos atos de violência e de intimidação cometidos contra pessoas

que exercem sua liberdade de opinião e de expressão, todos comportamentos que ameaçam a consolidação da paz e da democracia no plano nacional e internacional e constituem obstáculos para o desenvolvimento.” Ressalta ainda que é dever do Estado fomentar e desenvolver meios para combater a intolerância em suas mais diferentes formas e manifestações. Para tanto, define que a “tolerância e o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos; [...] não é concessão, condescendência, indulgência [...] é o sustentáculo dos direitos humanos, do pluralismo [...], da democracia e do Estado de Direito. Implica a rejeição do dogmatismo e do absolutismo; [...] praticar a tolerância não significa tolerar a injustiça social, nem renunciar às próprias convicções, nem fazer concessões a respeito.” (Declaração de Princípios sobre a tolerância. Disponível em: [www.cedin.com.br](http://www.cedin.com.br))

A intolerância é assimilada e fomentada pela sociedade quando se trata de lidar com as diferenças e as mudanças. As crianças só repetem as atitudes daqueles que são espelho para sua formação. O Estado é que tem a responsabilidade de criar as armas legais e combater a intolerância e trabalhar o indivíduo no seio da família, na escola e na comunidade é o caminho mais promissor para combater a contaminação do indivíduo com ideias pré-concebidas e que só fortalecem a intolerância. Sabemos que o homem nasce puro, livre dos preconceitos que hoje tanto afligem a humanidade. É, portanto, na educação o meio mais eficaz de prevenir a intolerância, onde o combate à mesma deve ser considerado imperativo e prioritário. Educar para a tolerância é prevenir a exclusão social e seus problemas, estabelecer juízos de valor que sejam participativos na construção de uma sociedade de paz e evolução da civilização humana com base em preceitos éticos e morais tolerantes.

A (in)tolerância começa no ambiente familiar e escolar e, portanto, é nesse espaço que se abrem os caminhos para minar-se a arrogância, o desrespeito às liberdades e às diferenças.

□ □ □

A virtude da tolerância é o antídoto necessário contra as ações e posturas plenas de intransigências e bloqueadas da livre manifestação do pensamento. A Maçonaria se mostra intransigente defensora e cultora dos sábios princípios da tolerância e em seus postulados visa a supressão da violência, “cavando masmorras ao vício e levantando Templos à virtude” e a tolerância é parte da natureza humana e da estrutura universal pois nela reside os princípios de liberdade tão caro para nós. Ser tolerante é ser contra o fanatismo, o sectarismo e o autoritarismo. A Maçonaria, para combater os vícios, arma-se dos sábios princípios da tolerância, do amor fraternal e do respeito a se mesmo. Ser tolerante é imperativo para o Maçom, devendo combater incessantemente aos ideologias ou crenças que possam conduzir o homem à barbárie, ao fundamentalismo, ao totalitarismo pois estes destroem os

princípios e valores universais que garantem os direitos fundamentais do homem e do Estado de Direito.

Não podemos esquecer que a tolerância pode nos levar a um terreno pantanoso, nos conduzindo a um ambiente de dificuldades e até de fundamentalismo. Sejam prudentes, portanto. A prudência é uma virtude que está presente no pensamento do homem deste a antiguidade e dela cuidaram Platão e Aristóteles, os Estóicos e os teólogos da Cristandade. A prudência é sensata, é moderação, é circunspeção e ponderação. A prudência é racionalismo. A tolerância, portanto, deve ser prudente.

Para Aristóteles, a prudência se tratava de uma virtude intelectual, pois tem a ver com a verdade, com o conhecimento e a razão, permitindo a deliberação do modo de agir do indivíduo, pois a boa decisão dela depende. Tolerância e prudência estão ligadas a mudanças e posturas individuais e coletivas. Ser prudente e tolerante não é fugir às suas responsabilidades, mas racionalizar as suas opções e tomar a decisão coerente com a verdade. A prudência é a antecipação das nossas posturas e ações e ela não depende de grau de inteligência ou conhecimento, mas sim da capacidade de deliberação do indivíduo e quão (in)tolerante ele possa ser.

Um Maçom tolerante é calmo, paciente, sereno e transigente. Pondera sempre suas atitudes e ações. Lembrando de que o debate deste tema deve ser permanente para termos uma convivência “justa e perfeita”, mesmo que na prática as dificuldades sejam tremendas, havendo momentos em que seremos intolerantes e intransigentes. Devemos ter em mente que ser tolerante não é ser condescendente ou aceitar os erros, violações de direitos ou infrações imorais de atitudes. Se assim procedermos seremos coniventes, portanto, incorreremos nos mesmos erros, violações de direitos ou infrações imorais de atitudes. Não podemos ser passivos diante de um mundo que nos cobra atitudes de acordo com nossos postulados. Volto a defender a ideia de que se nossos valores são bons para nós, também são bons para o mundo. Portanto, devemos debater incessantemente sobre o tema e levarmos nossos valores e certezas morais para nossas coletividades e permitir que elas decidam de acordo com suas consciências, sem ferirmos seus direitos de liberdade e expressão de suas ideias.

Sabemos que o Maçom equilibrado e coerente com seus princípios não tolera tudo. É, antes de tudo, um defensor dos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, sem esquecer as responsabilidades e os limites inerentes a estes postulados, pois não podemos cair na ingenuidade de confundir tolerância com licenciosidade. O Maçom combate a tirania, o fanatismo, a brutalidade e a ignorância, sem ser subserviente diante dos que, mesmo com boas intenções, são mal orientados.

O Maçom é ensinado a pensar e a agir com tolerância ou intolerância. Esta escolha é sua e deve ser consciente do momento adequado para usar uma ou outra, como a ocasião assim o exija. Esta dicotomia é um exercício de sabedoria que deve ser sempre praticado

exaustivamente, combatendo a tolerância absoluta, pois ela leva ao fundamentalismo. Da mesma forma que a intolerância sem apoio na razão e no pensamento lógico, pode chegar a extremismos e daí ao fundamentalismo, tão presente em sua associação da política com a religião, por exemplo. Conhecendo-se e respeitando-se os seus limites, estes extremos serão evitados.

Ser tolerante, prudente, democrático e ponderado não é ser fraco. Estas atitudes dependem de um caráter forte e inquebrantável em suas posturas e disciplinas. O Maçom só consegue viver em harmonia com seus Irmãos graças à virtude da tolerância e do conhecimento de seus limites. Pratiquemos a tolerância com amor, eis a solução para nossas aflições cotidianas, pois onde não existe tolerância o senso natural de fraternidade é submerso sob o peso da opressão, tirania, intolerância, fanatismo, fundamentalismo, autoritarismo, totalitarismo, sectarismo, xenofobismo, etc.

□ □ □

Estudar este tema foi uma tarefa árdua. A ambiguidade de muitas abordagens nos obrigou a uma revisão de conceitos e definições e, a cada leitura, outras tantas nos apareciam e tantos outros caminhos nos eram indicados e direcionavam nossos pensamentos e ideias. Separar e escolher aqueles que nos interessavam era a tarefa a ser realizada com as primeiras leituras. As dificuldades de encontrar o caminho certo através deste labirinto era a principal dificuldade para a concretização do meu objetivo e a realização do passo seguinte. Mas com muita paciência e dedicação para a leitura selecionei uma bibliografia que acredito ser confiável e suficiente para nos dar a base para nosso projeto. Lendo e relendo cada texto tento apresentar um tema para debate, pois a resposta às indagações cabe apenas ao indivíduo.

Não quero apresentar repostas sobre a (in)tolerância, mas argumentar a necessidade premente de revermos nossas atitudes de acordo com o que a maçonaria nos ensina. Somos realmente tolerantes? Será que este discurso não tem sido apenas retórico? Qual a dificuldade em praticarmos aquilo que defendemos? Ser intolerante é muito fácil, não é necessária uma justificativa ou um debate. Basta ser contra e pronto... você será imediatamente visto como uma pessoa de atitude corajosa, audaciosa. Torna-se um herói ou ídolo às vistas de muitos. Entretanto, ser tolerante é, para muitos, uma atitude de medo e covardia. É fugir de suas responsabilidades.

## CONCLUSÃO

Acredito que ser tolerante exige atitudes mais ousadas e corajosas do que ser intolerante, principalmente quando enfrentamos a oposição dentro de nosso grupo social. Conviver, coexistir, esta é a chave para um mundo futuro sem barreiras e baseado na educação e respeito, na disciplina, na Liberdade, na Igualdade e na Fraternidade. Um mundo onde a única riqueza seja a capacidade de produção do indivíduo e por ela seja remunerado e sempre de acordo com suas necessidades básicas. Um mundo em

que a coletividade seja a tônica da civilização humana. Um sonho? Sim. Uma utopia? Não. Pois este é o objetivo maior da maçonaria.

#### BIBLIOGRAFIA

##### A) LIVROS:

ARISTÓTELES. ÉTICA A NICÔMACO : Aristóteles : tradução Pietro Nassetti. – São Paulo : Martin Claret, 2003. – (Coleção a Obra Prima do Autor - 53)

GINZBURG, Carlo. O QUEIJO E OS VERMES : o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição / Carlo Grinsburg ; tradução Maria Betânia Amoroso ; tradução dos poemas José Paulo Paes ; revisão técnica Hilário Franco Jr. – São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

LOCKE, John. (1632 – 1704). CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA. John Locke. Ari Ricardo Tank Brito: Organização e Tradução – São Paulo – Hedra – 2007.

VOLTAIRE. TRATADO SOBRE A TOLERÂNCIA : a propósito da morte de Jean Calas / Voltaire : introdução, notas e bibliografia René Pomeau : tradução Paulo Neves. – 2. Ed. – São Paulo : Martins Fontes, 2000. – (Clássicos)

VOLTAIRE. DICIONÁRIO FILOSÓFICO : Voltaire : tradução Pietro Nassetti. – São Paulo : Martin Claret, 2008. – (Coleção a Obra Prima do Autor - Série Ouro - 6)

ROTTERDAM, Erasmo. ELOGIO DA LOUCURA : Erasmo de Rotterdam : tradução Paulo Sérgio Brandão. – 2. Ed. - São Paulo : Martin Claret, 2008. – (Coleção a Obra Prima do Autor - Série Ouro - 37)

SPINOZA, Baruch de. ÉTICA : Demonstrada à maneira dos geômetras : Baruch de Spinoza : Jean Melville. - São Paulo : Martin Claret, 2002. – (Coleção a Obra Prima do Autor - Série Ouro - 8)

##### B) MATERIAL DE INTERNET:

AMORIM, Deolindo. Intolerância e Preconceito. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/ciencia/intolerancia-e-preconceito.html>

BETTENCOURT, d'Estêvão. A inquisição protestante. Disponível em : <http://www.veritatis.com.br/article/5120/a-inquisicao-protestante>

CAVALCANTE, Meire. A sociedade em busca de mais tolerância. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/educacao-especial/sociedade-busca-mais-tolerancia-424483.stml>

CÍCERO, Marcus Tullius. Diálogo Sobre a Amizade. Disponível em: <http://www.utm.edu/research/iep/>

FLEICHMAN, Dom Lourenço (OSB) : A psicologia da apostasia. Disponível em: <http://www.capela.org.br/Artigos/apostasia.htm>

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. Tolerância e Respeito. Disponível em: <http://www.ceismael.com.br/artigo/tolerancia-e-respeito.htm>

JESUS, Sandra Alves Moura. A Mulher e a História: Um papel desigual. Disponível em: [http://www.fja.edu.br/praxis/praxis\\_03/documentos/ensaio\\_03.pdf](http://www.fja.edu.br/praxis/praxis_03/documentos/ensaio_03.pdf)

LACAZ-RUIZ, Rogério. O Limite e a Tolerância. Rogério Lacaz-Ruiz, Anne Pierre de Oliveira, Viviane Scholtz e Nelson Haruo Anzai. Disponível em: [http://www.hottopos.com/videtur5/o\\_limite\\_e\\_a\\_tolerancia.htm](http://www.hottopos.com/videtur5/o_limite_e_a_tolerancia.htm)

LEÃO XIII, Papa. Carta Encíclica – Sé Apostólica : Sobre a Maçonaria. Disponível em : <http://reporterdecristo.com/papa-leao-xiii-contra-a-maçonaria/>

LIMA, Raymundo de. O conceito e a prática da tolerância. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/026/26ray.htm>

LOPES, Edison. As Virtudes do Maçom. Disponível em: [http://www.lojasmaconicas.com.br/artigo2/el\\_lm.htm](http://www.lojasmaconicas.com.br/artigo2/el_lm.htm)

MACHADO, Nilson José. Sobre a idéia de tolerância. Disponível em: [www.iea.usp.br/artigos](http://www.iea.usp.br/artigos)

MALDONATO, Mauro. As origens e a evolução do conceito de tolerância Disponível em: [http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&rlz=1T4ADBF\\_pt-BRBR325BR325&&sa=X&ei=8URQTHbPI-IUAEMtr2PAw&ved=0CCEQBSgA&q=Tratado+sobre+a+tole%C3%A2ncia&spell=1](http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&rlz=1T4ADBF_pt-BRBR325BR325&&sa=X&ei=8URQTHbPI-IUAEMtr2PAw&ved=0CCEQBSgA&q=Tratado+sobre+a+tole%C3%A2ncia&spell=1)

MARQUES, Ramiro. A Prudência em Aristóteles. Disponível em: [www.eses.pt/.../A%20PRUDÊNCIA%20EM%20ARISTÓTELES%5B1%5D.pdf](http://www.eses.pt/.../A%20PRUDÊNCIA%20EM%20ARISTÓTELES%5B1%5D.pdf)

MATTOS, Marcello de. Tolerância. Disponível em: <http://www.lojahugosimas.com.br/?q=node/352>

MOLLULO JR., Eraldo B.. A Tolerância e o respeito às diferenças. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/sociology/1785951-toler%C3%A2ncia-respeito-%C3%A0s-diferen%C3%A7as/>

RIBEIRO, Aureni. O Preconceito Contra as Mulheres na História. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/o-preconceito-contra-as-mulheres-na-historia>

SILVA, Antonio Ozaí da. Reflexões sobre a intolerância. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/037/37pol.htm>

SILVA, Sérgio Viana da. A Tolerância. Disponível em: [http://www.cinzeleditora.com.br/palavra\\_maconica/noticias\\_exibe.php?id=Mjcy](http://www.cinzeleditora.com.br/palavra_maconica/noticias_exibe.php?id=Mjcy)

SIQUEIRA, Alcides Luiz. A Tolerância. Disponível em: <http://www.gobgo.org.br/cultural/2009/tolerancia.html>

(autor desconhecido) ; A Igreja Católica e a Maçonaria : Disponível em : <http://www.deldebbio.com.br/index.php/2008/11/11/a-igreja-catolica-e-a-maconaria/>

(autor desconhecido) Maçonaria : a aceleradora da apostasia. Disponível em : <http://www.sinaisdostempos.org/apostasia/index2.php>

(autor desconhecido) A tolerância. Disponível em: <http://ocanto.esenviseu.net/12ano/tolera2.htm>

---